

Antropologia Portuguesa

Volume 14 · 1997

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

"Memórias da Amazônia..." na Amazônia

José António B. Fernandes Dias

*Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa
Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra
Portugal*

Aos homens e mulheres da Amazônia que fizeram os objectos apresentados nesta exposição. E aos seus descendentes, no seu esforço sempre persistente de definirem as suas identidades e de construírem as suas histórias.

A Thekla Hartmann, cujo trabalho desencantou as colecções conservadas em Portugal.

In memoriam Rómulo de Carvalho (†1997) Conservador do Museu da Academia das Ciências de Lisboa.

"Exponham o problema. Não exponham a solução"
(Ivan Karp)

EXPÔR NÃO É UMA ACTIVIDADE NEUTRA. Nos últimos anos a Exposição, e o Museu, mudaram de estatuto - tornaram-se um terreno politizado e um espaço de debate, e vêm sendo tema de investigação intelectual, e artística. Na sequência disso têm sido feitos, um pouco por todo o mundo, experimentos de exposição que procuram explorar possibilidades inovadoras, que vão integrando os resultados desse debate, e tomando nele um papel activo. E se isto vale para Museu e Exposição de qualquer tipo, as coisas estão mais complicadas, à nascença, quando se trata de expôr objectos e formas culturais provenientes de sociedades a que os conceitos de Museu e Exposição, instituições eminentemente ocidentais, e o tipo de relação com as coisas que eles instauram, são alheios. Como acontece com os objectos de povos indígenas da Ama-

zónia que há mais de duzentos anos foram recolhidos e vêm sendo conservados em museus portugueses, e que agora se apresentam em Manaus⁽¹⁾.

Expôr é cada vez menos só seleccionar, conseguir objectos e exhibi-los, seguindo critérios mais estéticos ou mais informativos. Estes dois modelos canónicos de exposição etnográfica têm sido submetidos a ataques e a tentativas contínuas de os ultrapassar⁽²⁾. A assimilação de práticas não ocidentais aos padrões estéticos e aos conceitos de arte ocidentais (que têm a tendência para se considerarem universais), que se iniciou no princípio deste século em simultâneo com a "revolução modernista" nas artes ocidentais, tornou-se um problema e não uma solução; e a questão fica ainda mais problemática e complexa se considerarmos que na própria prática artística contemporânea internacional se questionam exactamente esses padrões e conceitos – aquilo que para abordar os objectos etnográficos é tomado como uma evidência, impen-sada, a Arte, não é mais assim no mundo da arte contemporânea, dos artistas aos estudiosos e aos coleccionadores. Por outro lado, o género de exposição mais informativa, contextualizante, vem sendo abalado por múltiplas discussões travadas no interior da antropologia – a crítica dos modelos estruturo-funcionalistas e culturalistas de abordagem das sociedades como totalidades isoladas, a relação global-local, a noção de cultura como um processo, a multiplicidade das interpretações no interior de uma mesma sociedade. Além de que expôr é sempre representar, a exposição é sempre uma recontextualização. Não há continuidade entre a representação e o que é representado. Os objectos nunca serão, no museu ou na exposição, aquilo que terão sido lá nas sociedades onde foram feitos, para quem os produziu.

Aceite que expôr é demonstrar uma determinada interpretação dos objectos, que é necessariamente construída e deve ser assumida como tal; e que essa demonstração se faz pela apresentação e construção de ideias através do espaço, usando objectos, imagens, textos, cores, luzes, sons; tem-se prestado atenção aos processos pelos quais a exposição dota os objectos de sentidos, tem-se experimentado com múltiplos modos de expôr, enquadrar, como fonte de significações.

A história recente do acervo etnográfico recolhido na Amazónia entre 1783-1792 pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, nos últimos seis anos, é uma ilustração eloquente desta situação. A exposição

de Manaus é a quarta apresentação de objectos desse acervo. Cada uma delas construiu um contexto diferente para os objectos, uma perspectiva diferente sobre eles, permitindo considerar em cada caso diferentes aspectos, sentidos e valores, que eles têm ou que lhes estão associados⁽⁴⁾.

A "Memórias da Amazônia. Expressões de identidade e afirmação étnica" não é A exposição, é uma exposição. Houve outras com os mesmos objectos, e as possibilidades não ficaram aqui de modo nenhum esgotadas. As opções que tomamos nesta apresentação em Manaus incorporam as nossas posições intelectuais, e são certamente passíveis de crítica. Mas são também conceitualmente consistentes. E abertas – levantam questões.

Tal como se fez na exposição do Porto, pretendo explicitar os seus fundamentos conceituais, antropológicos e museográficos, num texto que reflecte sobre a exposição, na sua elaboração e no seu fazer. Para melhor se entender porquê o que se viu – porquê tais objectos, de tal maneira agrupados, colocados, iluminados, instalados...

Antecedentes e Recontextualização da Exposição. Do Porto a Manaus

Partimos da "Memória da Amazônia. Etnicidade e Territorialidade" do Porto, em 1994. Aí, e pela primeira vez, fazia-se uma aproximação do acervo etnográfico de A. Rodrigues Ferreira às sociedades indígenas amazónicas dos nossos dias. Além de materiais arqueológicos da região, e de outros artefactos etnográficos mais recentes, de vários museus e colecções, os objectos do século XVIII foram enquadrados por algumas centenas de objectos indígenas de produção contemporânea, que a Universidade do Porto adquiriu; e pela apresentação de elementos variados que davam uma informação densa sobre a situação actual destas sociedades – vídeos, citações de falas de líderes indígenas, publicações de organizações, livros de ensino de várias línguas, etc. Também pela primeira vez, foram convidados a visitar a exposição, e a participar de um Seminário organizado então, membros de sociedades indígenas. Foi uma exposição em que se encenava o relacionamento «entre dois mundos – dos povos que aí habitavam há milhares de anos com as suas múltiplas formas de vida, e dos que chegaram, invadiram e

conquistaram: colonos, funcionários, missionários, militares. [propondo] a descoberta de algumas das formas desse encontro, confronto, ao longo de três espaços que correspondem a três tipos de situações de contacto interétnico na Amazônia do Brasil; e que podem estar e estão presentes desde o século XVI até aos nossos dias: 1-Choque. 2-Tutela. 3-Afirmação de etnicidade.»⁽⁴⁾.

A mesma preocupação, de não permitir que os objectos do século XVIII fossem vistos como parte de um passado morto e congelado, sem qualquer relação com o presente, e particularmente com o presente das sociedades indígenas, ocupou-nos desde o princípio, desde as primeiras conversas para a exposição em Manaus. Mas também foi sempre claro que era necessário pensar uma nova apresentação dos artefactos, com uma linha temática e uma estratégia expositiva criadas especificamente para o espaço físico e social do Palácio Rio Negro, e para um contexto tão diferente quanto é o de Manaus. E após as primeiras reuniões de trabalho com colegas da Universidade do Amazonas e com os membros da C.O.I.A.B., quando em Abril 96 me desloquei a esta cidade com o Arquitecto Paulo Providência, ficaram definidos alguns pontos que orientaram os trabalhos posteriores.

- Ao contrario da Exposição do Porto, as questões políticas da relação entre sociedades indígenas e sociedade envolvente (colonial ou nacional), não construíram desta vez a linha temática da apresentação dos artefactos Alexandre Rodrigues Ferreira. Essas questões estão presentes na vida amazónica; e aqui actuam muitas organizações indígenas que definem a política indígena, além de outras de apoio aos povos indígenas que agem nesse domínio. Evidentemente que a questão política se não está presente como o tema, aparece inevitavelmente, de um modo mais subtil: a própria apresentação da colecção em Manaus, na Amazônia onde vive grande parte dos descendentes dos povos que fizeram estes objectos, e não noutras capitais do Brasil, é um facto eminentemente político; os objectos indígenas ocuparam pomposamente um edifício carregado de uma história em que os povos indígenas estiveram geralmente na posição de excluídos; ao enfatizar, através de dispositivos de exposição adequados, a excelência técnica e estética desses objectos questiona-se a classi-

ficação corrente e dominante que se faz da cultura material dos povos indígenas, como Artesanato. E a presença viva das sociedades indígenas contemporâneas será assegurada por um programa de actividades, co-organizado com a C.O.I.A.B., a articular com a exposição dos objectos do século XVIII; e a realizar em duas malocas a serem construídas no jardim do palácio.

- A exposição destina-se a um público amplo e diversificado, em termos de identidade étnica, de capital cultural, de interesse, de orientação, de tempo disponível. Pretende-se que o dar a conhecer e a sentir o valor destes artefactos possa contribuir para aumentar o respeito pelas culturas que os produziram, quer da parte de estranhos, quer daqueles que não querem, ou podem, identificar-se como deles descendentes; assim como se espera que possa servir de alimento ao orgulho de ser Waimiri ou Tuyuka, Marubo ou Yanomami, ou... por parte daqueles que hoje se identificam assim.
- Propôs-se a realização de um conjunto de eventos paralelos à exposição - seminários, ciclo de vídeo etnográfico, instalações por artistas plásticos amazonenses, ciclo de cinema de ficção, de teatro e de dança com temática indígena – que estendam a atenção às sociedades e culturas indígenas por vários domínios do conhecimento, e ampliem o espaço de presença da exposição, na cidade de Manaus, e nas suas populações.
- Foi definida a vontade de integrar na exposição dos artefactos a iconografia original produzida durante a Viagem Philosophica que está nos acervos da Biblioteca Nacional e no Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

Sendo assim, a apresentação dos artefactos e da iconografia do século XVIII, resultantes da Viagem Philosophica chefiada por Alexandre Rodrigues Ferreira, constituía-se como pretexto para o evento na totalidade das suas manifestações – um fórum para a apresentação e a acção afirmativa de sociedades indígenas, um espaço para o debate académico, uma apresentação dos materiais do século XVIII. E foi com este programa que recebi da Comissão de Organização da Exposição a responsabilidade de definir o conceito, de realizar a investigação e de elaborar o roteiro para a exposição dos artefactos A. Rodrigues Ferreira, no edifício

do Palácio Rio Negro. Em estreita colaboração com o Arquitecto Paulo Providência que se encarregou da arquitectura e do desenho desta exposição.

Um conceito para a apresentação dos artefactos do séc. XVIII

Partindo destes parâmetros programáticos, dos pressupostos museológicos e da história museográfica recente da colecção, foi desenvolvido um conceito e um discurso expositivo que assume claramente, e explora, a musealização dos artefactos referidos. Como uma forma de colocar esta secção – a apresentação da colecção Alexandre Rodrigues Ferreira – no evento maior que é a «Memórias da Amazónia». Atribuiu-lhe aí um papel activo, de agente estimulador do debate, da reflexão crítica, da acção afirmativa que estão nos seus objectivos.

Os objectos dão forma à história, e a história por sua vez transforma os objectos. Produzidos há mais de duzentos anos, os que agora se apresentam em Manaus foram sendo coisas variáveis ao longo da sua vida, nos múltiplos usos que lhes deram pessoas diferentes em contextos diferentes. Foram feitos, e usados naqueles casos, por homens e mulheres indígenas que viveram na Amazónia, nos finais do século XVIII, em situações muito diversas de interacção com o mundo dos colonizadores; foram seleccionados e coletados por um naturalista entre 1783 - 1792, enviados para o Real Gabinete da Ajuda em Lisboa e depois distribuídos pelo Museu de História Natural da Universidade de Coimbra (1806), actual Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (M.A.U.C.), e pelo Museu da Academia das Ciências de Lisboa (1836); em 1892 este acervo foi apresentado em Madrid, na exposição comemorativa do IV centenário da «descoberta da América», e cem anos depois foram renascidos por uma antropóloga das reservas dos museus; e desde então foram apreciados por milhares de pessoas nas diferentes exposições já referidas. Não são a mesma coisa para os membros das suas sociedades de origem no século XVIII, ou para as sociedades indígenas actuais, nem para os colonos desse tempo e os brasileiros, ou os antropólogos e historiadores do nosso.

Neles se acumula um trançado de memórias – dos materiais, dos gestos e dos saberes do fazer, das utilizações, das interpretações, das

apresentações – que é fonte dos valores que eles hoje representam. Valem como documentos da história indígena das sociedades indígenas, da história da Amazônia e dos modos do seu conhecimento. Valem como instrumentos na resistência e afirmação de identidades étnicas diferenciadas na conjuntura actual. Valem como relíquias, seguramente dos povos indígenas contemporâneos; mas também da antropologia e museologia.

Assumir a sua musealização no Palácio Rio Negro, equivale a reconhecer o clamor das vozes e das histórias que rodeiam estes objectos, representando diferentes pessoas, com interesses e experiências também diferentes. A exposição não pretende albergar nem totalizar numa visão coerente este clamor, antes constituir-se como uma voz entre outras na «Memórias da Amazônia». Na sua exposição, os objectos são apresentados de um ponto de vista da antropologia e da museografia contemporâneas, mas rodeadas de espaços onde se constroem outras perspectivas - as malocas com a programação indígena, os seminários.

Num primeiro sentido, musealizar e expôr alguma coisa é, na tradição cultural euro-americana, um dos meios mais eficazes de reconhecer o seu valor, de a transformar em tesouro ou relíquia; e, ao fazê-lo, de a embeber de uma força e de um poder novos, que não tinha nas etapas anteriores da sua vida⁽⁵⁾. Reconhecendo que mesmo se, na sua maioria, os artefactos a expôr são também relíquias para os povos indígenas contemporâneos⁽⁶⁾, são-no contudo de maneiras que não se restringem certamente aos rituais da exposição. Eles podem ser para si, elementos de um tempo não tão distante, preservar e exhibir mundos ainda não perdidos, ainda eventualmente acessíveis por outros processos.

Mas por outro lado, musealizar, pôr em exposição, é sempre, de alguma forma, submeter os objectos ao domínio do olhar – a exposição transforma qualquer coisa em objecto com interesse visual, pede ao visitante que olhe atentamente⁽⁷⁾. Aqui, optou-se por um discurso expositivo francamente estetizante - onde a ênfase é posta nos objectos em si, e não nos seus contextos e nos conhecimentos verbais que deles se tem; em ambientes que ofereçam uma distração mínima dos objectos a serem expostos, com dispositivos de exposição que permitam e levem à apreciação das suas qualidades artísticas e estéticas; que os apresente como manifestações culturais e artísticas que recebam um olhar igual ao que dedicamos aos objectos artísticos que guardamos nos nossos museus de arte.

A esta estratégia expositiva, justapôs-se e combinou-se lado a lado, como assemblagem, em tensão, um conjunto de soluções que resultam do estudo de trabalhos antropológicos recentes, sobre pensamentos e estéticas indígenas⁽⁸⁾.

Assim, os objectos não foram agrupados por critérios formais ou iconográficos, nem etnográficos, nem de materiais e técnicas, nem de funcionalidade. Os agrupamentos remetem antes para os diferentes mundos das cosmologias indígenas onde funcionam, e a que estão associados: o mundo humano da aldeia, o mundo natural da floresta e dos inimigos, o mundo estranho dos brancos, o mundo dos sobrenaturais.

Continuando a reconhecer o império de olhar, mas contrariando-o, joga-se com princípios indígenas. Sobretudo na apresentação das máscaras e trombetas, em que a sua contemplação será condicionada por um programa computarizado de iluminação, que só permitirá entrevê-las, por breves segundos de cada vez.

Como ambiente sonoro optou-se por uma obra de um compositor contemporâneo norte-americano. «Tehillim» de Steve Reich, cuja estrutura musical evoca a da música indígena da Amazónia.

Pretendeu-se expôr, junto com objectos de grupos variados, que têm a vêr com estas actividades, os nomes que elas têm em línguas diferentes. Corpo decorado / Adorno de corpo. Caça. Pesca. Guerra. Objectos para venda / Mercadorias / Comércio. Em Baniwa, Dessana, Kaxinawa, Macuxi, Marubo, Mundurucu, Sateré, Tariano, Tukano, Tuyuka, Wapixana ... Esses nomes seriam acompanhados da sua tradução literal em português e de outros significados da mesma palavra. Para levar os visitantes a perceber como coisas semelhantes têm nomes e estão associadas a ideias diferentes; como é redutor, e enganador, aplicar literalmente os nossos nomes para falar, e entender, as coisas, dos pontos de vista das diversas sociedades e línguas indígenas⁽⁹⁾.

Os objectos são individualmente identificados, por região e etnia de origem sempre que possível, o que permite marcar as especificidades de culturas particulares, permitindo comparar objectos semelhantes de culturas diferentes.

A apresentação dos originais da iconografia da Viagem Filosófica, além de se justificar por fazer parte dos trabalhos desta tanto quanto a colecta dos artefactos, é usada para fornecer indicações aos visitantes sobre os seus usos, nos seus contextos de origem. As gravuras

são expostas na vizinhança das entradas para cada um dos núcleos da exposição, ou dos objectos expostos a que se referem.

Pretende-se, portanto, fornecer informação, mas pretende-se também que os visitantes tenham algum trabalho, alguma participação na interpretação dos objectos, na construção dos seus sentidos. Que os leve a uma experiência e a uma inquietação, mais do que ao consumo e à cópia de informações explicitadas. Para isso é necessário cruzar os objectos e as suas instalações com as gravuras, os nomes inscritos, as etiquetas, o vídeo da introdução à exposição; mas também com o que se passa nas malocas indígenas contíguas, com o que dizem os homens e as mulheres indígenas que por aí vão estando; e com as conferências e os debates nos vários seminários programados.

Notas

- (1) Não esquecendo que a ideia de Museu, de Exposição e de Centro Cultural tem vindo a ser apropriada e adaptada por sociedades não-ocidentais em todos os continentes. Veja-se SIMPSON, Moira G. (1996), e, como exemplos no Brasil, GRUBER, Jussara G. (1994), GRUNBERG, Georg (1995), LANA, Luis G. (1995).
- (2) Ver, por exemplo, KARP, Ivan e LEVINE, S. D. (1991), AMES, Michael M. (1992).
- (3) «Memória da Amazónia. Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Filosófica pelas Capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá» em Coimbra, no Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, em 1991; «Memória da Amazónia. Testemunhos etnográficos da Viagem Filosófica» no Museu dos Jerónimos em Lisboa, em 1992; «Memória da Amazónia. Etnicidade e Territorialidade», no Porto, em 1994 numa colaboração entre a Universidade do Porto e a Universidade do Amazonas, no edifício da Alfândega do Porto, de cuja conceção científica fui também responsável.
Veja-se RODRIGUES DE AREIA, M. L., MIRANDA, M. A. e HARTMANN, T. (1991), e FERNANDES DIAS, J. A. B. (1994). Para uma análise museológica destas exposições, DUARTE, Alice (1997). Sobre a exposição do Porto 94, AFONSO, C. A. (1994) e DIAS, Nélia (1994).
- (4) FERNANDES DIAS, J.A.B. (1994), p. 24-25.
- (5) Veja-se, por exemplo PELLIZZI, Francesco (1995).
- (6) SANTOS LUCIANO (1995), VELTHEM (1995).
- (7) KIRSHENBLATT-GIMBLETT, B. (1991).
- (8) DESCOLA, P. (1992), GUSS, D. (1989), LAGROU, E. M. (1996) LIMA, T. S. (1996), OVERING, J. (1990, 1991), REICHEL-DOLMATOFF, G. (1978), ROE, P. (1995) van VELTHEM, L. (1995), L. VIDAL B. (1992) VIVEIROS DE CASTRO, E. (1996).
- (9) Devido à falta de tempo, não foi possível realizar esta proposta. Apesar de os trabalhos de preparação da exposição se terem iniciado muito antes, só no início de Janeiro 97 foi dada luz verde definitiva.

Bibliografia

- Afonso, C. A. 1994. Trajectória Contra-Hegemónica: Novos Encontros Interculturais. In: *Boletim*, IV-24, Universidade do Porto.
- Ames, M. M. 1992. Cannibal Tours and Glass Boxes. *The Anthropology of Museums*. Vancouver, UBC Press.
- Descola, P. 1992. *Societies of nature and the nature of societies*. In: Kuper, A. (ed) - *Conceptualizing Societies*, Londres, Routledge.
- Dias, N. 1994. Observações sobre uma exposição. In: *Boletim*, IV-24, U. Porto.
- Duarte, A. 1997. *Coleções e Antropologia. Uma relação variável segundo as estratégias de objectivação do saber*. Universidade do Minho. [Tese de Mestrado].
- Fernandes Dias, J. A. B. 1994. Memória da Amazônia : etnicidade e territorialidade. In: *Revista da Exposição*. Universidade do Porto.
- Gruber, J. 1994. Museu Maguta. In: *Piracema*, 2,2, Funarte / IBAC.
- Grunberg, G. 1995. O 'Movimento das Malocas' no alto Rio Negro. In: *Povos Indígenas no Brasil (1991/1995)*. São Paulo, Instituto Socioambiental.
- Guss, D. 1989. *To weave and sing*. Berkeley, U. California P.
- Karp, I; Lavine, S. D. (eds). 1991. *Exhibiting Cultures*. Washington, Smithsonian Institution.
- Kirshenblatt-Gimblett, B. 1991. *Objects of Ethnography*. in Karp, Lavine (eds) o.c.
- Lagrou, E. M. 1996. Xamanismo e representação entre os Kaxinawa. In : Langdon, E. J. M. (ed) - *Xamanismo no Brasil*. Florianópolis, U.F.S.C.
- Lana, L. G. 1995. A 'Maloca-Museu'. In: *Mirá*. Manaus, Museu Amazónico.
- Lima, T. S. 1996. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. In: *Mana*, 2, 2. Rio de Janeiro, PPGAS-U.F.R.J.
- Overing, J. 1990. The Shaman as a Maker of Worlds : Nelson Goodman in the Amazon. In: *Man* (ns), 25.
- Overing, J. 1991. A estética da produção: o senso de comunidade entre os Cubeo e os Piaroa. In: *Revista de Antropologia*, 34, U.S.P.

- Pellizzi, F. 1995. Songs of the material. In: RES, 28.
- Reichel-Dolmatoff, G. 1978. *Beyond the Milky Way*. Los Angeles, U.C.L.A.
- Rodrigues de Areia, M. L.; Miranda, A.; Hartmann, T. 1991. *Memória da Amazônia*. Coimbra, M.A.U.C.
- Roe, P. 1995. Arts of the Amazon, In: Braun, B. (ed) - *Arts of the Amazon*. Londres, Thames and Hudson.
- Santos Luciano, G. dos 1995. A diversidade cultural do Alto Rio Negro. In: *Arumã*. Manaus, Museu Amazónico.
- Simpson, M. G. 1996. *Making Representations*. Londres, Routledge.
- Velthem, L. van. 1995. *O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Waiana*. USP. [Tese de Doutorado].
- Vidal, L. B. (ed). 1992. *Grafismo Indígena*. São Paulo, Studio Nobel.
- Viveiros de Castro, E. 1996. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo indígena. In: *Mana*, 2,2, PPGAS-U.F.R.J.